

VOZ DA PÓVOA

Os Braços da Lancha

por José Peixoto



Sábado, 15 de Setembro, a Lancha Poveira do Alto completa 21 anos. A vela tornada concha pelo vento e a quilha a rasgar todas as marés continuará a ser o destino da “Fé em Deus”, orgulho dos poveiros e de todos os que trazem o coração agarrado à cidade, mesmo quando a vida os levou para outras margens.

Manuel Mata. “Não tive opção. Com três anos e meio fui carregado para o Brasil. O meu pai foi dois anos antes arrumar a vida. Ele tinha lá um irmão e um cunhado que facilitaram a integração. Quando arrumou o dinheiro para a minha mãe e os três filhos viajar de barco, juntou a família. Nos primeiros anos, o meu pai foi pescador, mas depois deixou o mar para trabalhar numa padaria. A gente cresceu e aos dez anos começou a ajudar na padaria”, revelou-nos Manuel Mata.

A viver no Brasil onde exerce engenharia civil, Manuel Mata nasceu na Póvoa de Varzim em 1948. De visita ao berço, o mais recente tripulante explica como é que o seu destino se cruzou com a lancha poveira: “o mestre Nia falou-me da viagem a Santiago e, como sempre quis participar numa aventura dessas, ofereci-me de imediato. Foi uma viagem inesquecível. Foi o melhor que me aconteceu nestes dois meses e meio de férias”.

E acrescenta: “navegar na lancha poveira tocou-me profundamente. Quando tinha uns três anos, subia ao barco do meu avô, onde o meu pai era tripulante. Era uma embarcação com

dois nomes, de um lado Santo António, do outro S^a da Agonia. Enquanto na areia puxavam os cabos (ala arriba), eu feliz da vida olhava os peixes nas cavernas do barco. Depois de 60 anos passados no Brasil, foi um renovar de sensações”.

A Voz da Póvoa (12 Setembro 2012), p. 15.

[URL ->](#) | [PDF ->](#)